

DA FORMAÇÃO À SALA DE AULA: UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE O GÊNERO BILHETE COMO UM INSTRUMENTO DE LETRAMENTO

Geisa Carla Gonçalves Ferreira¹

Islane Caroline de Araujo²

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de relatar experiências vividas em eventos de letramento a partir do gênero textual bilhete, por meio de práticas pedagógicas de leitura e escrita, implementadas em uma turma do 2º ano do ensino fundamental, na Escola Benedita da Silva Santos, da rede municipal de Maceió, Alagoas. Essas práticas foram fundamentadas epistemologicamente pelas reflexões realizadas durante a Formação Continuada, ao longo do ano de 2024. Temos como suporte teórico as concepções de letramento de Soares (2003), de linguagem e de gêneros de Bakhtin (1992/2003), que compreendem os aspectos sociais e históricos da escrita e das relações dialógicas entre os sujeitos que compõem a instituição social, escola. Tais conceitos estão ancorados nas normativas educacionais vigentes, tais como a BNCC, PCNs e LDB. No que tange à metodologia, optou-se pelo método qualitativo, constituindo assim uma breve pesquisa ação. Com base na compreensão de linguagem viva, este trabalho tem como objetivo evidenciar o papel social dos gêneros em eventos reais de letramento, visando ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita que atendam a seu papel histórico e dialógico. Para tanto, lançou-se mão do gênero bilhete a fim de contemplar os discentes que já conseguem escrever textos curtos, bem como os que ainda não conseguem escrever sem o auxílio do professor, por meio das imagens. Com os resultados obtidos, pode-se constatar a importância de trabalhar a escrita com interlocutores reais, e, principalmente, com uma função real pré-estabelecida. Como será descrito na metodologia do projeto, esta pesquisa foi composta por três etapas, e como culminância, têm-se gêneros bilhetes reais circulando em outros gêneros, como, por exemplo, a campanha publicitária, e até em outros veículos de comunicação, como foi na entrevista veiculada na televisão. Para além dos objetivos acadêmicos que foram alcançados, como o avanço significativo na escrita dos estudantes, destaca-se os eventos reais de letramento que os estudantes estiveram inseridos, como afirma Bakhtin (2003), como sujeitos responsivos ativos. A pesquisa-ação possibilitou vivências reais, com trocas importantes para a constituição de sujeitos que cumpram seus papéis e compreendam seus direitos e deveres na sociedade. Esses discentes entenderam o poder de sua escrita e que, a partir dela, poderão ser ouvidos e buscar seus direitos.

Palavras-chave: Formação Continuada. Escrita. Letramento. Gênero textual bilhete. Gêneros sociais. Bakhtin.

¹- Doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Especialista em MBA em Alta Gestão de IES pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Graduada em Pedagogia (UFAL). Docente da rede municipal de Maceió.

²- Mestre em Ciências da Educação pela Interamericana PY. Pós-graduada nas áreas de Gestão Educacional e Coordenação (2017), Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial (2023). Graduada em Letras (UFAL). Técnica-pedagógica/Formadora de professores do ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) da SEMED Maceió pelo Programa Alfabetiza Maceió.

1 INTRODUÇÃO

Na trajetória profissional e acadêmica, que são indissociáveis, encontram-se desafios significativos na educação básica, sendo a alfabetização uma necessidade fundamental, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Sabe-se que o ciclo de alfabetização se inicia no primeiro ano do ensino fundamental, e é esperada que o aluno consolide a habilidade da escrita até o segundo ano, como consta na BNCC (Brasil, 2024).

Espera-se que, ao final do 2º ano do ensino fundamental, os alunos apresentem o seguinte perfil de saída:

- a) Leiam e compreendam, de maneira autônoma, textos de maior porte, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto, e relacionando sua forma de organização à sua finalidade;
- b) Planejem e produzam textos de gêneros do cotidiano, com a ajuda do professor, considerando a situação comunicativa e a finalidade do mesmo;
- c) Leiam e compreendam, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura;
- d) Apropriem-se do sistema de escrita, escrevendo o próprio nome completo e correto na forma cursiva; reconhecendo diferentes formas de grafar a mesma letra; escrevendo palavras, frases e textos curtos, com escrita cursiva de nível alfabético e/ou de acordo com a convenção ortográfica, dentre outras.

Dessa forma, compreende-se que o 2º ano é crucial à apropriação de tais habilidades, que irão acompanhá-lo durante toda sua formação acadêmica, entretanto, não se pode perder de vista um importante elemento para o processo pleno de alfabetização, o letramento. Sendo assim, como afirma Soares (2003):

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. É o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e suas práticas sociais. Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever. Aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar 'própria', ou seja, é assumi-la como sua 'propriedade'.

Ancorados na concepção supramencionada, entende-se que o discente se apropria de maneira significativa, plena e/ou real dos processos de escrita quando está inserido em ambientes alfabetizadores, ou ainda em eventos de letramento que despertem seu real interesse

e criatividade. Durante as ações formativas de 2024, a partir da escuta ativa dos docentes da rede municipal de Maceió, alguns discursos foram comuns, na maioria das turmas de segundos anos.

São eles:

- a) A maioria dos alunos não tinha contato com livros ou escrita em casa;
- b) Não eram estimulados à leitura e não costumavam realizar as atividades enviadas para casa;
- c) Não costumavam brincar com brinquedos ou jogos manuais, apenas os digitais;
- d) Passavam a maior parte do tempo em contato com telas.

Tais afirmações nos revela um cenário de ambientes que não possibilitam a continuidade do desenvolvimento das habilidades que se iniciam na escola. Por tais motivos, as práticas pedagógicas eram compreendidas meramente como “atividade de sala de aula”, e, sendo assim, o trabalho com os gêneros era entendido pelos estudantes e pelos pais ou responsáveis como “atividade da escola”.

Portanto, é preciso alfabetizar e letrar, como afirma Soares (2003). Com o passar dos anos, atesta-se que apenas “ler e escrever” não é o suficiente para formar sujeitos críticos e reflexivos de seus direitos e deveres como sujeitos sociais. Para autora, não se deve priorizar a alfabetização ou o letramento, os dois são igualmente importantes, o ideal é desenvolver o processo do entendimento, conhecimento e reconhecimento da língua, seja por meio da codificação ou da decodificação, atrelado aos processos de letramento. Como afirma a autora supracitada, alfabetizar e letrar “são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis.”

Quando se reflete sobre o processo de ensino-aprendizagem, parte-se do princípio de que a língua é viva, e como a sociedade muda, ela também segue tais mudanças. Sendo assim, quando se lança mão do trabalho com os gêneros como um instrumento importante para desenvolver várias habilidades, é preciso estar atento ao uso social deles, e, principalmente, às suas características e mudanças, pois sabe-se que é a partir de um gênero que o outro nasce, e esses novos gêneros aparecem para suprir uma necessidade de novas atualizações da sociedade, como, por exemplo, a carta ou o cartão postal, que hoje são pouco utilizados, dando lugar aos gêneros mais atuais, como é o caso do *e-mail*, das mensagens de WhatsApp, dentre outros.

Para a realização deste trabalho, foi essencial compreender o ato de pesquisar, que se define como um processo formal e sistemático, integrante do desenvolvimento do método

científico (Gil, 2010). Essa abordagem é uma etapa fundamental para a construção do conhecimento. Considerou-se a pesquisa qualitativa mais apropriada, visto que ela “levanta questões éticas” (Martins, 2004, p. 295). Além disso, reconhece-se a construção social que envolve as intenções e valores, tanto do sujeito pesquisador quanto dos participantes do processo.

2 FORMAÇÃO CONTINUADA – UM ESPAÇO DE REFLEXÃO E PRÁTICAS REAIS

O *Programa de Formação Continuada Alfabetiza Maceió* é uma iniciativa voltada para o aprimoramento das práticas de alfabetização nas escolas da rede municipal de Maceió. Este programa busca capacitar educadores para que possam desenvolver metodologias eficazes no ensino da leitura e escrita, atendendo às necessidades específicas dos estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental.

Por meio de formações teóricas e práticas, os professores são estimulados a refletir sobre suas abordagens pedagógicas, promovendo uma educação mais inclusiva e eficaz. O programa também enfatiza a importância de um acompanhamento contínuo, permitindo que os educadores compartilhem experiências e desafios enfrentados no cotidiano escolar.

Além disso, o *Alfabetiza Maceió* tem como objetivo garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e participativos. Através de uma abordagem colaborativa, o programa busca fortalecer a relação entre a escola, a família e a comunidade, reconhecendo que a alfabetização é um processo que vai além da sala de aula e envolve diversas esferas sociais. Contudo, o programa reitera em suas práticas, sobre a importância de eventos de letramento, nos quais os docentes traçam seus objetivos e hipóteses em práticas reais de aprendizagem, e, durante todos os processos, avaliam a eficácia de tais práticas, readaptando e adequando as demandas de suas turmas.

Construíram-se as ações formativas de 2024 como um espaço de reflexão importante na construção desse projeto, com a escuta ativa dos docentes, com o compartilhamento de práticas exitosas e, especificamente, com as práticas desenvolvidas a partir dos gêneros, como eventos de letramento, com vistas ao desenvolvimento das habilidades de escrita, mas também de escuta e leitura dos discentes. Durante as formações, oportunizou-se vivenciar diferentes práticas com os mais diversos gêneros, tais como: “Não Fale Pelas Costas” (acolhida com gênero bilhete escrito nas costas (Foto 1), Caça ao gênero, Teatro dos gêneros, Bingo dos

gêneros, Jogo da memória dos gêneros, Painel dos gêneros (Foto 2), Que gênero é esse?, gêneros em quadrinhos, caixa dos gêneros, dentre outras práticas.

A partir dessas vivências e com a proximidade das festas de final de ano, decidiu-se realizar um projeto com a escrita do gênero textual bilhete voltado para o Natal, como as “antigas” cartinhas de Natal. Tal prática será descrita a seguir.

Foto 1



Foto 2



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

3 A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO BILHETE PARA AS PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA

As práticas de leitura e escrita no contexto escolar são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos estudantes, e o gênero textual bilhete se destaca como uma ferramenta eficaz nesse processo. Parte-se da concepção bakhtiniana (1999) de linguagem que compreende que as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis. Sendo assim, como sujeito histórico e social, seja no pensamento, na palavra, no discurso falado e na vida, está-se sempre imerso ao dialogismo, por esse motivo, compreende-se que os processos de alfabetização e letramento devem caminhar juntos, pois são elementos indissociáveis.

De acordo com essa linha de pensamento, pode-se depreender que a utilização de uma língua acontece sempre por intermédio de algum gênero, mesmo que os falantes não percebam ou não se deem conta deste processo. No cotidiano, lança-se mão de variados gêneros reais que cumprem suas funções sociais, como, por exemplo, um *e-mail*. Na sala de aula, não é diferente, A escolha do gênero bilhete se deu por ser um gênero curto, que

normalmente é construído por sujeitos reais, sendo que o seu uso acontece no cotidiano dos estudantes.

Para Bakhtin (1997), o dialogismo consiste nesse movimento incompleto e ininterrupto, que é reconstruído quando o sujeito assegura seu posicionamento. Na escrita do gênero bilhete de sujeitos reais para sujeitos reais, quando trabalhou-se a unidade 4 do livro veredas, pôde-se atestar a singularidade dos discentes, pois cada um demonstrava seus reais interesses e objetivos ao escrever e reescrever os bilhetes

O bilhete, por sua natureza simples e direta, é um gênero que possibilita a exploração de diversas competências, como a escrita de mensagens, a comunicação interpessoal e a organização de ideias. Ao trabalhar com bilhetes, os alfabetizadores podem estimular os estudantes a expressarem os seus pensamentos e os seus sentimentos de maneira clara e concisa, além de incentivar a criatividade, uma vez que os estudantes são desafiados a elaborar mensagens que atendam a diferentes propósitos. Sobre a diversidade dos gêneros e suas funções sócias, como se entende os eventos de letramento, Bakhtin (2003, p. 262) distingue os gêneros da seguinte forma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas por que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Além disso, a leitura de bilhetes pode ser usada para desenvolver a compreensão textual. Os estudantes aprendem a interpretar mensagens curtas e identificar informações essenciais, como destinatário, remetente e conteúdo. Essa habilidade é crucial, pois a leitura e a escrita de bilhetes podem ser aplicadas em diversas situações do cotidiano, tornando-se parte do repertório comunicativo dos estudantes, ou seja, criando assim um evento de letramento real. Essas atividades não apenas tornam o aprendizado mais dinâmico, mas também promovem o engajamento dos estudantes, incentivando a colaboração e a interação social dos gêneros do discurso.

É no processo dialógico e/ou no ato da enunciação que o sujeito mostra sua individualidade ou seu estilo. Assim, o dialogismo é um fenômeno próprio a todo discurso vivo, conforme assinala Bakhtin (1998, p. 88): “[...] em todos os caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.”. O gênero como a própria linguagem, caracteriza-se por sua dinamicidade.

De acordo com esses pensamentos, tem-se o conceito de Compreensão Responsiva Ativa (Bakhtin, 2003, p. 271): “Toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta”, (seja qual for a forma em que ela se dê). Como já mencionado, o indivíduo é respondente ativo, embora essa responsividade se dê em graus diversos. E foi por meio da escrita dos bilhetes que possibilitou-se atestar esses sujeitos ativos, donos de seus discursos, mostrando seus reais interesses, contando um pouco das suas histórias e de seus desejos. Sem dúvida, essas vivências de letramento ultrapassaram as paredes da sala de aula e os muros da escola, com os gêneros reais cumprindo sua função social de forma concreta.

4 ETAPAS DO PROJETO – UM BILHETE DE NATAL

4.1 Primeira etapa: A introdução do gênero bilhete no letramento

Durante o decorrer do segundo semestre, trabalhou-se com alguns gêneros, e o bilhete foi um deles. Trabalhou-se com diversas atividades do livro Veredas (2023), que possibilitaram construir juntos eventos de letramento, tendo como objeto de estudos o gênero bilhete, possibilitando tanto os elementos mais formais do processo de alfabetização – como a escrita, a identificação de determinadas palavras e seus significados –, quanto as práticas reais de leitura e escrita, possibilitando, assim, reais momentos de letramento.

Foto 3



Foto 4



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

Trabalhou-se, ilustrativamente, algumas atividades da quarta unidade do referido material, tais como maneiras de mandar mensagens; bilhetes: “pra que te quero?”; bilhetes e mais bilhetes; caçando sílabas em bilhetes; escrevendo bilhetes... Essa unidade tinha como foco a apresentação em sala de aula dos gêneros bilhetes, então os alunos puderam viver esses eventos de letramento desde o bingo das palavras até os momentos de ensaio de leitura de bilhete. Finalizou-se a unidade com a escrita de seus próprios bilhetes reais.

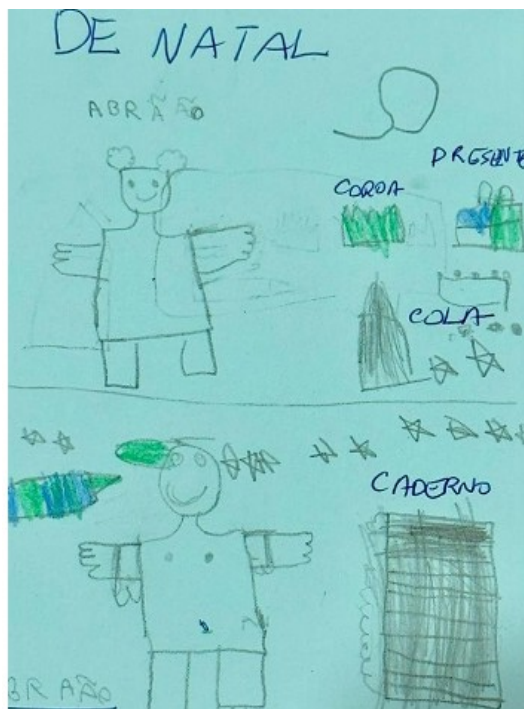
4.2 Segunda etapa: A construção dos bilhetes: letramento, escrita, reescrita

No ambiente escolar, cuidou-se para que a prática de escrever e de ler bilhetes fosse integrada à simulação de situações em que a troca de bilhetes é necessária, intencional. Assim, a prática encaminhada na formação do mês de outubro do programa de formação ganhou ainda mais significado quando preparou-se a campanha para os bilhetes expressando os seus desejos de Natal no final do ano letivo. Propôs-se que as crianças escrevessem:

Foto 5



Foto 6



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

Foto 7



Foto 8



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

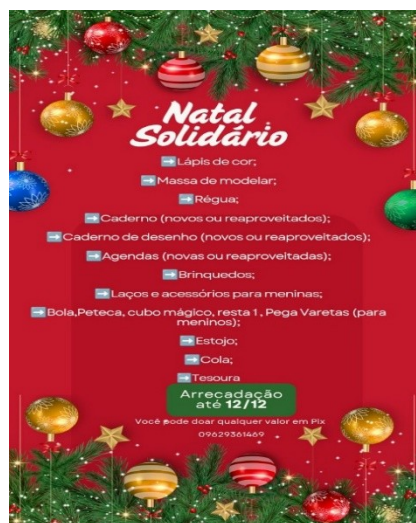
4.3 Terceira etapa: Atividade de “sala de aula” ganha visibilidade e se torna uma campanha solidária

Os bilhetes expressavam da forma mais pura e genuína os desejos de Natal das crianças, realmente advindos dos seus repertórios comunicativos. A partir deles, delineou-se uma trajetória que ganhou mais um espaço: formação continuada | planejamento | rotina didática | espaço público: da comunicação. Rapidamente, os bilhetes sensibilizaram centenas de anônimos que ajudaram na maratona de solidariedade.

Foto 9



Foto 10



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

Eu, como autora, uma das alfabetizadoras, idealizadora da campanha, emocionei-me pela inocência e pela simplicidade dos pedidos; e contei com vários parceiros numa verdadeira campanha de arrecadação dos itens que estavam ilustrados nos bilhetes. Ao todo, conseguiu-se construir mais de 250 (duzentos e cinquenta) kit's e beneficiar diretamente 250 (duzentas e cinquenta) crianças, que iluminaram o ano letivo de 2024 inteiro.

De uma prática de sala de aula a uma ideia desprestenciosa, até uma campanha, que foi ganhando escopo com os anônimos, que se somaram e permitiram entregar resultados muito maiores do que as crianças e até os alfabetizadores imaginavam. Elegeu-se, dentre muitos, um elemento que deu lastro a toda a trajetória “o letramento”, pois, ao se inserir num contexto histórico e dialógico, destacou-se como uma prática social eivada de significados. O letramento, para Bakhtin (2003), é sempre um processo interativo, no qual os indivíduos não apenas compreendem o que é dito, mas também respondem, reagem e constroem novos sentidos a partir da interação com os outros.

Foto 11



Foto 12



Foto 13



Foto 14



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

Foto 15 – Entrevista para divulgação da campanha e arrecação dos kit's.



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2025).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero bilhete é uma poderosa ferramenta pedagógica no contexto do *Programa de Formação Continuada Alfabética Maceió 2024*, pois proporcionou uma maneira prática e acessível de trabalhar a leitura e a escrita com as crianças. Ao utilizar o bilhete, os educadores criaram atividades significativas e contextualizadas, que estimularam a expressão de forma autêntica e a compreenderem a escrita como uma ferramenta de comunicação real e relevante para o seu cotidiano.

Os bilhetes de Natal escritos pelas crianças são autênticas expressões de seus sentimentos e de seus desejos inocentes, que vão muito além de itens e materiais. Eles capturam a essência da infância compreendida como o conjunto de características e experiências que definem essa fase da vida humana, marcada pelo desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo; com a curiosidade e a imaginação, a brincadeira, as emoções intensas e sinceras, a pureza e a autenticidade e aprendizado constante. É uma fase que deve ser preservada e respeitada, sobretudo nos anos iniciais da educação básica, pois estabelece as fundações para uma vida adulta equilibrada, saudável e criativa.

Com base nas necessidades legais previamente destacadas na BNCC, referentes ao perfil de saída do estudante do 2º ano do ensino fundamental, destaca-se a importância da compreensão da linguagem viva. Essa compreensão, sustentada pela formação docente e continuada, evidencia o papel dos gêneros textuais — especialmente o bilhete — no processo

de letramento. Esse letramento é construído por meio de eventos reais e situações cotidianas, em que a leitura e a escrita se manifestam de forma significativa e contextualizada, em vez de serem reduzidas a práticas mecanizadas ou isoladas.

Ao evidenciar o papel social do gênero textual bilhete em eventos reais de letramento, reflete-se e constata-se uma leitura e uma escrita sensíveis, acessíveis e humanas. Acima de tudo, práticas possíveis. Essa prática social contribuiu para o desenvolvimento de múltiplas habilidades, pois a leitura e a escrita não se limitam ao processo de alfabetização. Elas também emergem das interações realizadas em diálogo com outras pessoas, com a sociedade e com as tradições culturais do letramento.

Destarte, os gêneros textuais não são apenas formas de comunicação, mas também refletem as transformações sociais, políticas e culturais que ocorrem ao longo do tempo. advindas de uma educação pública socialmente referenciada, que visa a igualdade de oportunidades e a transformação social através da formação de cidadãos críticos e transformadores da sociedade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF., 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2024.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. v. 30. n. 2. p. 289-300. maio/ago. 2004.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2003.